



VIOLÊNCIA NO NAMORO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS SEXOS

Tamyres Tomaz Paiva ¹

Suiane MagalhãesTavares ²

INTRODUÇÃO

A violência vem sendo conceituada como sinônimo da palavra agressão, mas a agressão se refere a uma partícula da violência (ANDERSON, BUSHMAN, 2002; WARBURTON, ANDERSON, 2015). Neste sentido a violência é uma agressão que tem como meta um dano extremo, como a morte. Assim, toda violência pode ser considerada uma agressão, mas em muitos casos a agressão não chega a ser violência, pois não existe a intenção de causar um dano extremo (ANDERSON, BUSHMAN, 2002). A WHO (2010) conceituou a violência entre parceiros íntimos como um ato danoso a saúde e dignidade do parceira(o). E a violência no namoro é um dos aspectos da violência entre parceiros íntimos, começando na fase do namoro com pessoas ainda na fase da adolescência (DOROTEIA, 2013).

Os índices da violência no namoro tem gerado preocupação e existe extenso debate sobre esta questão. Estudos realizados em diversos países apontam para uma alta prevalência da violência no namoro, a exemplo dos estudos de Oliveira e Sani (2005) na cidade do Porto em Portugal, com prevalência de 42% entre universitários, Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) com prevalência de 96,3% entre adolescentes espanhóis. Bonomi, et al. (2013) demonstrou que 67,4% moças e 57,1% rapazes reportaram terem sido vítimas de violência no namoro quando tinham entre 13 e 19 anos. No Brasil, alguns estudos apontam para um alto nível de prevalência no namoro, a exemplo do estudo de Aldrighi (2004) onde 21% dos jovens registram a ocorrência de pelo menos um episódio de agressão durante o ano anterior. Estudo de Oliveira, et al., (2014) ratificou os achados demonstrando prevalência de 29,8% de relatos de violência no namoro. Araújo (2012) demonstrou que dentre as violências praticadas 85,3% demonstraram algum tipo de violência (como por exemplo a violência psicológica, mais especificamente a verbal) contra um parceiro.

Teorias explicativas da violência entre parceiros

¹ Doutoranda em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, tamyres.tomaz1@gmail.com;

² Mestranda em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, suianetavares1@gmail.com;



A teoria feminista (WALKER, 1989) considera a violência como algo específico do gênero masculino. De acordo com Doroteia (2013), a fase da violência se inicia no namoro e é perpetuado até o casamento. É provável que as mulheres em relacionamento amoroso imagine um homem protetor, paternalista estereotipado como algo ideal, e que aquele parceiro é um “príncipe dos contos de fadas” que não podem se imaginar fora desse relacionamento (WALKER, 1989). Meninas desde muito novas sonham com o parceiro ideal que irão sustentá-las e manter um relacionamento tradicional. Mas tudo isso, parte de uma crença para legitimar a dominação masculina sobre a feminina (DOROTEIA, 2013). Seguindo essa mesma lógica, a teoria do apego estabelece que os abusos são derivada das instabilidades do apego durante o período da infância (BOWLBY, 1969). Esses são perdurados por toda vida nos relacionamentos amorosos. Esse apego pode fortalecer o vínculo com o parceiro tomando aquela pessoa um objeto de apego, ao qual, as pessoas tem que se adaptar para continuarem naqueles relacionamentos. Quando a pessoa sente-se que não foi correspondida, esse apego poderá ser tornar um elemento tanto gerar a violência como para se manter nesse relacionamento. E essa manutenção pode refletir nas relações desequilibradas, baseadas na idealização e submissão das vontades do parceiro (PETRUCCELLI, et al., 2014).

Assim como, existem as teorias que explicam a violência masculina (WALKER, 1989; BOWLBY, 1969), também existe a teoria que explica a violência geral (BANDURA, 1977). A teoria da aprendizagem social entende que a violência é uma série de atos aprendidos, por meio da observação e imitação. Nesse processo os comportamentos são moldados e reforçados por meio da base familiar. As pessoas expostas desde a infância aprendem que a violência é algo aceitável aos relacionamentos amorosos e que por isso podem usar dessa violência como comportamento aceitável. Além dessa, violência feminina é explicada pela síndrome da mulher agredida (WALKER, 2016) no qual possui como base a teoria de Bandura (1977), explicando que a violência é um comportamento apreendido e que as mulheres buscam defesas ao serem violentas nos seus relacionamentos. Por que assim como os homens são expostos a situações violentas dentro de seus lares, as mulheres também o são, e podem reproduzir esses comportamentos nos relacionamentos.

Neste sentido, buscou-se conhecer em que medida homens e mulheres diferenciam quanto a concordância da violência masculina, feminina e geral. Segundo nosso raciocínio, os homens apresentarão maior concordância com os tipos de violência femina e geral e as mulheres apresentarão maior concordância com a violência masculina.



conbracis

IV Congresso
Brasileiro de
CIÊNCIAS da
SAÚDE

Saúde Populacional:
Metas e Desafios
do Século XXI

ISSN 2525-6696
www.conbracis.com.br

MÉTODO

Participantes

Contou-se com a participação de 200 pessoas, provenientes da população geral, não probabilística e por conveniência. Os participantes, em sua maioria, são residentes do Estado da Paraíba (88%), sendo 42,5% da capital (João Pessoa), com idades entre 18 a 64 anos ($M = 27,85$; Mediana = 25,50; $DP = 9,01$). Foram majoritariamente do sexo feminino (68,5%), solteiros (76%), heterossexuais (86,5%), com ensino superior incompleto (41%), de classe média (52,5%) e se consideram um pouco religioso (52,5%).

Instrumentos

A *Escala de Aceitação da Violência no Namoro* (EAVN), desenvolvida originalmente por Foshee et al. (1998), validada por Pimentel, Moura e Cavalcanti (2016), com 11 itens agrupados em três fatores, como: violência masculina (e.g., Um garoto com raiva o suficiente para bater na sua namorada deve amá-la muito); violência feminina (e.g., Garotos às vezes merecem apanhar de suas namoradas) e aceitação da violência no namoro geral (e.g., A violência entre namorados pode melhorar o relacionamento). Os índices de consistência interna da escala foram considerados satisfatórios com alfas de 0,74, para a violência masculina; 0,71 para violência feminina e 0,73 para a violência geral. Numa escala likert de 4 pontos, sem um ponto médio central, variando de 1 (discordo totalmente) para 4 (concordo totalmente).

Procedimentos

Aplicou-se de forma online, através das redes sociais (ex., facebook) e correios eletrônicos (ex., e-mails). Seguiu-se as recomendações da Resolução 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo o sigilo e anonimato dos participantes.

Análise dos dados

Os dados foram analisados pelo programa estatístico IBM SPSS *Statistics* (versão 21), realizando-se estatísticas descritivas (frequências da caracterização da amostra), teste t para amostras independentes e a regressão método enter.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De modo geral, os participantes pontuaram médias para a violência feminina ($M = 2,33$; $DP = 1,01$), violência masculina ($M = 2,33$; $DP = 1,08$), próximas ao ponto da escala likert de



discordo totalmente, abaixo do ponto médio da escala (2,5). Mas, a violência geral apresentou média maior que o ponto médio ($M = 3,40$; $DP = 1,06$), significando que as pessoas concordam com esse tipo de violência.

Para uma análise mais aprofundada, realizou-se um teste t para amostras independentes, com a finalidade de verificar se existe diferença na concordância quanto aos fatores da violência no namoro. Com isso, observa-se que existe uma diferença de média na violência feminina ($t(198) = 2,48$; $p = 0,01$) e na violência geral ($t(198) = 2,14$; $p = 0,03$). No fator da violência feminina, os homens apresentaram maior concordância ($M = 1,12$; $DP = 0,24$), em comparação com a mulheres ($M = 1,03$; $DP = 0,24$). No fator de violência geral também se nota o mesmo padrão, os homens demonstraram maior concordância ($M = 1,11$; $DP = 0,33$) maior do que as mulheres ($M = 1,09$; $DP = 0,13$). A violência masculina não apresentou diferenças de médias.

Também foi realizado uma regressão linear pelo método *enter*. Categorizamos o sexo como 0 para as mulheres e 1 para os homens para as mulheres. Regrediu-se as variáveis sociodemográficas como: sexo, estado civil, escolaridade e classe social como variáveis independentes e como variável dependente os fatores da aceitação da violência no namoro. Ao qual observou que o sexo do participante prediz a violência geral e a violência masculina. Na violência geral, as mulheres concordam menos com a violência geral ($B = -0,08$; $p = 0,01$). Essa regressão possui correlação de 0,19 e explica apenas 3% da variância explicada. As mulheres também concordam menos com a violência masculina ($B = -0,07$; $p = 0,03$). Essa regressão possui correlação de 0,19 e explica apenas 3% da variância explicada. Isto é, existem outros fatores que não foram regredidos e que explicam mais sobre o fenômeno da aceitação, além do sexo do participante.

Esses resultados demonstram estarem de acordo com nossas hipóteses admitindo que os homens concordam mais com a violência geral e a violência masculina. Ainda observamos que o sexo prediz a violência no namoro, embora em percentual muito pequeno. Para as mulheres, elas diminuíram em sua concordância a partir do valor da média (-0,08) e para os homens aumentará esse valor (0,08), ou seja, as mulheres concordam menos com a violência masculina e geral. Esses dados estão de acordo com Bononi et al., (2013) em que mais mulheres já sofreram com a violência na adolescência. Além disso, estão coerentes com a teoria feminista e com a teoria do apego, em que as mulheres sempre aceitam mais a violência mesmo de forma sutil nos relacionamentos.



conbracis

IV Congresso
Brasileiro de
CIÊNCIAS da
SAÚDE

Saúde Populacional:
Metas e Desafios
do Século XXI

ISSN 2525-6696

www.conbracis.com.br

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo cumpriu com o objetivo proposto, demonstrando que os sexos possuem distinção quanto a sua concordância nos fatores da violência feminina, masculina e geral. Apesar desse estudo ter demonstrado explicar pouco a violência no namoro, se observar os dados da WHO (2010, observaremos que nosso resultado condiz com dados mundiais, e que o sexo feminino possui mais probabilidade de ser vítima. Esse estudo também possui caráter exploratório e transversal, e com uma amostra não probabilística e por conveniência, mas, espera-se que esses dados possam ser coletados em pessoas vítimas de violência, tanto jovens do sexo masculino quanto jovens do sexo feminino. Espera-se, também que sirva para prática dos psicólogos clínicos que trabalham com agressores, bem como possa ajudar a traçar formas no manejo psicoterapêutico com as vítimas buscando amenizar as situações danosas causados pela violência no namoro. A detecção da violência na adolescência pode aumentar as chances da vítima se empodera e não aceitar que essa situação de violência chegue ao matrimônio. Por isso, é importante que escolas sempre informem acerca da violência na adolescência e como ela se manifesta nos relacionamentos de fica, namoro, rolo, dentre outros rótulos.

Palavras-chave: Violência, Adolescência, Violência no namoro, Sexo.

REFERÊNCIAS

ALDRIGHI, T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo-Brasil. **Psicologia: teoria e prática**, v.6, n.1, pp. 105-120, Feb. 2004.

ANDERSON, C. A.; BUSHMAN, B. J. Human aggression. **Annual Review of Psychology**, v.53, n.1, p.27-51, Feb. 2002.

ARAÚJO, L. M. D. Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n.9, pp. 2553-2554, Sept. 2012.

BANDURA, A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1977.

BONOMI et al. (2013). History of dating violence and the association with late adolescent health. **BMC Public Health**, v.13, n.1, pp.1-12, Sept. 2013.

BOWLBY, J. **Attachment and loss: Attachment**. New York, NY: Basic Books, 1969.



DOROTEIA, J. M. R. **Violência no namoro: Atitudes legitimadoras e exposição ao conflito interparental.** Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Monte de Caparica, 2013.

FERNÁNDEZ-FUERTE, A. A.; FUERTES, A. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequences. **Child abuse & neglect**, v.34, n.3, pp. 183-191, Mar. 2010.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Adolescent dating in Brazil: the circularity of psychological violence in different relationship contexts. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.19, n.3, pp.707-718, Oct. 2014.

OLIVEIRA, M.; SANI, A. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In *Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho, Portugal.

PETRUCCELLI, F. et al. Affective dependence and aggression: An exploratory study. **BioMed Research International**, pp.1-11, jun. 2014.

PIMENTEL, C. E.; MOURA, G. B. de; CAVALCANTI, J. G. Acceptance of Dating Violence Scale: Checking its psychometric properties. **Psico-USF**, v. 22, n. 1, p. 147-159, Apr. 2017.

WALKER, L. E. **The battered woman syndrome.** New York: Springer Publishing Company, 2016.

WALKER, L. E. Psychology and violence against women. **American Psychologist**, v. 44, n.4, pp. 695–702. 1989.

WARBURTON, W.; ANDERSON, C. **On the clinical applications of the general aggression model to understanding domestic violence.** In R. A. Javier; W. G. Herron (Ed.) *Understanding Domestic Violence: Theories, Challenges, Remedies*. USA: Rowman & Littlefield Publishers, p. 1-15, 2015.

World Health Organisation (WHO). **Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence.** Geneva, Switzerland: World Health Organisation, 2010